



Uma arte com a frequência das palavras no artigo de Mario Cardim de julho de 1914

OS BOY SCOUTS E A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCOTEIROS—ABE

JOÃO ALBERTO BORDIGNON

BOLETIM HISTÓRICO Nº 60 - JANEIRO DE 2025

COMO COMEÇOU A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCOTEIROS EM SÃO PAULO – 1914

Nos primeiros anos que se seguiram à fundação do escotismo na Inglaterra, por Baden-Powell, as notícias sobre o movimento apareceram diversas vezes na imprensa brasileira. De modo geral, os jornais não traduziam o termo “Boy Scout”.

A história geralmente contada sobre a fundação da ABE – Associação Brasileira de Escoteiros é a transmitida por Mario Sérgio Cardim, que muitas vezes se intitulou “o fundador do escotismo no Brasil”. Os fatos históricos mostram uma realidade mais complexa que a descrita por Cardim. Tão rica de detalhes é a história da ABE, que não será possível contá-la em apenas um Boletim.

O objetivo deste artigo é narrar os fatos imediatamente antecedentes a uma reunião, em São Paulo, que decidiu pela fundação da Associação.

Como se sabe pela história contada por Cardim, ele havia estado na Europa e lá havia tomado contato com o escotismo, inclusive conhecendo Baden-Powell. Cardim regressou ao Brasil em 11 de novembro de 1913, chegando em Santos, pelo navio Cap. Blanco. Segundo ele, imediatamente começou uma campanha pela fundação do escotismo, nas páginas do jornal “O Estado de São Paulo”. Como hoje dispomos de todos os exemplares do jornal digitalizados, foi possível verificar que essa campanha não existiu.

A primeira publicação atribuída a Mario Cardim é uma coluna publicada no “O Estado de São Paulo” de 23 de julho de 1914. Podemos atribuir a ele a autoria da coluna, que está assinada “M.C.”, porque essas eram as iniciais que ele usava, em lugar do seu nome completo, em outras publicações. Ele também se refere a esse artigo numa coluna publicada no jornal “O Paiz” do Rio de Janeiro de 8 de abril de 1915, citando palavras que realmente constam da coluna de 1914.

A coluna de Cardim, aparece na 8ª página da edição do jornal, na data mencionada, sem nenhum destaque e na sequência da parte de “Sport”, que inicia na página 7. O subtítulo da Seção é “VÁRIAS”. A dedução é de que seria uma parte destinada a notícias esportivas variadas. O título da coluna de Cardim é “**OS BOY-SCOUTS**”.

Considerando a importância para a história do escotismo brasileiro, especialmente para esclarecer a fundação da ABE, transcrevemos a coluna, com comentários deste autor. Os parágrafos foram numerados para facilitar a conexão com os comentários. Essa numeração não consta do original.

OS BOY-SCOUTS

1. O findar do século XIX foi testemunha de um dos feitos mais empolgantes e sensacionais de que a História tem notícia.
2. Por entre o coro unanime das aclamações erguidas aos feitos humanos que lhe justificavam o título de “*século das luzes*”, um acontecimento notável surgiu como uma ironia implacável do destino, empanando o brilho decantado da cultura e civilização até então atingidas. Um grande e poderoso país, senhor de 20 milhões de quilômetros quadrados, com todos os recursos que a ambição dos povos pôs ao serviço da guerra, não hesitou em esmagar duas pequenas nacionalidades, cuja existência feliz e tranquila mal se revelara pela riqueza sedutora de suas fabulosas minas de ouro e diamante. A Inglaterra declarou guerra ao Transwaal e Orange, reduzidíssimos Estados da África Meridional, cuja população de 900.000 habitantes não chegava sequer a um sétimo da população da sua metrópole. O mundo inteiro recebeu essa notícia como a de um fato consumado. O

COMENTÁRIOS

Sobre o título: O título usado por Cardim é o mesmo dos folhetos que Jeronyma Mesquita enviou ao Brasil e que foram publicados em diversos jornais. Muitas referências no texto remetem a trechos do folheto. É provável que Mario Cardim tenha tido acesso direto ao folheto, já que seu companheiro Ascanio Cerqueira era o principal contato de Jeronyma no Brasil. Isto de acordo com os próprios relatos da autora dos folhetos.

2

A grafia Transwaal, com “w”, não era usual no jornal, que usava geralmente a palavra com “v” (Transvaal).

que poderia fazer esse povo de camponeses (como seu nome indica) contra um exército até então reputado dos mais destros e perfeitos da Europa? Que fariam esses simples caçadores diante das possantes máquinas destruidoras de vida que lhes ia opor um inimigo já superior em número? Estas perguntas não poderiam ter senão uma resposta. Venceria o mais forte, como de fato, venceu. No entanto, os acontecimentos que se seguiram à declaração de guerra excederam com surpresas a tudo quanto a fantasia pudesse por ventura criar como solução desse conflito desigual e forneceram ao mundo um alevantado exemplo de civismo e bravura.

3. Estes pequenos povos que educaram a vontade abrindo as entranhas do solo, para regá-lo com o suor do seu rosto, que constituíram a unidade nacional conhecendo palmo a palmo as regiões que habitam e se tornaram robustos pela vida ao ar livre, no combate quotidiano com a natureza, - possuíam uma alma bem formada e um espírito tenaz. Nem a notícia da usurpação iminente, nem as condições em que se

Os folhetos atribuídos a Jeronyma Mesquita, no entanto, usam Transwaal, com “w”. É curioso que Cardim discorre longamente sobre a guerra, quando ela já havia terminado há mais de dez anos. Porém, nesse mesmo mês de julho de 1914, havia falecido, em Londres, o antigo primeiro-ministro Joseph Chamberlain. O fato foi noticiado pelo “O Estado de São Paulo”, inclusive com uma longa “nota da redação” e uma pequena biografia do estadista.

No Brasil usava-se “África do Sul” para denominar a parte da África onde ocorreu a guerra Anglo-Boer. Entretanto, os jornais quando traduziam notícias

encontrava o poderoso adversário foram de molde a lhes diminuir o instinto natural de defesa. A luta foi aceita franca e corajosamente. Ao ataque violento e desmedido correspondeu a represália destemida e impetuosa. E todo mundo sabe o que foi, nos seus primeiros meses o famoso “*paradeio militar do coronel Butler*”. Desde os primeiros choques de armas sentiram-se os ingleses com um inimigo cujo animo e preparo militar lhes causavam antes de tudo uma impressão de surpresa e de pasmo.

4. Os boers possuíam uma faculdade combativa e conhecimento tão acurado do terreno que, mesmo em número inferior, guardavam, sempre, a superioridade na luta.
5. As mais difíceis manobras realizavam-se com relativa facilidade e a precisão dos tiros comparável a dos exércitos mais adestrados.
6. E assim, pondo em jogo durante longos meses as mais admiráveis qualidades de preparo militar, cuja existência nunca se supôs entre eles, os boers, na primeira fase da guerra sul-africana, expuseram o exército inglês

da França, Alemanha, etc. referiam-se à África Meridional.

3

Neste parágrafo, Cardim certamente está sendo irônico. A expressão entre aspas “paradeio militar do coronel Butler”, na verdade deve se referir às derrotas desastrosas sofridas pelo general Buller, comandante das forças inglesas no princípio da segunda guerra dos Boers. Certamente uma confusão com os nomes parecidos. https://pt.wikipedia.org/wiki/Redvers_Buller Anteriormente estava no comando o general William Butler, que foi removido para a Inglaterra depois de expressar suas visões sobre a

- às mais duras provas.
7. A força numérica, porém, havia de triunfar e com os duzentos mil homens da sua expedição a Inglaterra conseguiu, por fim, dominar o heroico esforço desses guerreiros extraordinários. A luta tinha sido cruenta e penosa mas, cheia de lições e consequências e esse acontecimento fez surgir, além de um grande movimento tendente a uma melhor organização dos elementos de defesa do Reino Unido, uma instituição que, em poucos anos se espalhou pelo mundo inteiro e que se deve ao general Baden Powell. Esse militar ilustre que participou de todas as operações de guerra no Transvaal e Orange, observando o caráter a natureza e as aptidões dos boers e sentindo as dificuldades internacionais que cada vez mais ameaçavam o seu país, convenceu-se que *“uma necessidade imperiosa existia de preparar, sem demora, gerações de jovens vigorosos, bem preparados para a vida, de uma moralidade sólida e profundamente dedicados à sua pátria.”*
8. Estas palavras não são outra coisa

possibilidade de guerra.

7

Este mesmo conceito está apresentado, com uma redação diferente, no folheto atribuído à Jeronyma Mesquita. Entretanto, a expressão entre aspas, parece cópia do “Le Livre de L’Éclaireur”, do Capitão Royet : *“... Le General Baden-Powell a estimé qu’il était d’une nécessité impérieuse pour l’avenir de son pays de préparer sans délai des générations de jeunes gens vigoureux, bien armés pour la vie, d’une moralité solide et profondément dévoués à leur patrie.”*

- mais do que a descrição da natureza dos boers.
9. Regressando ao seu país, Baden Powell tratou de pôr em prática as suas observações e lançou na Inglaterra a ideia da fundação das sociedades de “boy-scouts.”
 10. Os vencidos da África do Sul gozaram do privilégio excepcional de imporem aos vencedores o remodelamento de suas instituições militares e o renovamento da educação da sua mocidade.
 11. O “scoutismo” lançado na Inglaterra em 1908, conta para mais de 800.000 adeptos recrutados entre rapazes de 11 a 18 anos e já em 1911 o rei Jorge passou revista, em Windsor, a cerca de 30.000 “boy-scouts”.
 12. Da Inglaterra o “scoutismo” ganhou os Estados Unidos, Alemanha, França, Áustria, Itália, Rússia, Suíça, Bélgica, Holanda, Espanha, Portugal, etc., e enfim, a América do Sul, a República Argentina, onde tem tido um desenvolvimento notável.
 13. A palavra inglesa “scout” vem do termo germano scot e quer dizer explorador, homem de fronteira, bom ob-

11

O número de 800.000 escoteiros parece ser a soma-tória dos apresen-tados no folheto de Jeronyma Mesquita: 500.000 na Inglaterra, 250.000 nos Esta-dos Unidos e mais 50.000 estimados em outros países.

12

Deve ser notado que no folheto de Jeronyma Mesquita são citados ape-nas Estados Uni-dos, Rússia, Ale-manha, Itália, Ar-gentina e a Fran-ça. É importante ressaltar o conhe-cimento da exis-tência de escotismo em Portugal, onde em 6 de se-tembro 1913 foi fundada a **Associação de Escoteiros de Portugal – AEP**. Sim, em Portugal já se usa-va o termo esco-teiro.

servador. Em português temos o termo “escoteiro” que, segundo Candido de Figueiredo, Moraes, Vieira e outros, é *“aquele que viaja sem bagagem nem alforges, gastando por escote nas estalagens; o mesmo que pioneiro.”*

14. Como adjetivo, parece designar homem lépido. Temos, pois, em nosso idioma três termos que podem se prestar exatamente a designar o que em inglês se designa com a palavra “scout”: “explorador”, “escoteiro” e “pioneiro”, sendo este último o menos vernáculo por ser um galicismo — do francês “pionnier”. Se a denominação “bandeirante” não fosse por demais regional, prestar-se-ia admiravelmente a denominar a nova instituição, pois os ousados exploradores dos sertões do Brasil realizaram uma série de cometimentos que raramente, entre outros povos, lembram tão de perto o caráter do “scoutismo”. Foram verdadeiros “scouts” esses “pioneiros”, cuja tempera como dos boers se formou nas lutas ásperas contra a natureza.
15. O fim do “scoutismo” o permitir aos jovens munidos de um uniforme pra-

13

Os nomes citados são todos de autores de dicionários de Português. A origem e o significado da palavra “escoteiro” serão objeto de outro Boletim. Como era do conhecimento dos fundadores da ABE a existência de escotismo em Portugal, é provável que a escolha do termo tenha levado em conta que em Portugal já teriam decidido pela palavra escoteiro.

14

A palavra bandeirante para a tradução de “boy scout” havia sido sugerida em 1913, num artigo publicado no jornal Correio Paulistano.

tico que lembre a maneira de vestir dos “boers” e dos “cow-boys” uma vida que, em suas generalidades, assemelha-se à dos colonos ou tropeiros do Far West americano. Eles aprendem a conhecer as plantas, os animais, a correr, a nadar, a improvisar abrigos, jangadas, pontes, a orientar-se de noite ou de dia, a cozinhar em pleno campo, a cuidar de feridos. Além disso, a disciplina do “scout” é agir conforme as regras da dignidade humana, resumidas em um juramento e em um código que lhes auxilia e anima a proceder bem em todas as circunstâncias da vida.

16. Essa instituição não tem nenhuma cor política e é constituída com o único intuito de contribuir para a unidade nacional, não contrariando os desenvolvimentos das sociedades de esporte, ginastica ou preparação militar.
17. O seu fim é ainda pacífico e altamente moral e concorre poderosamente para tornar cada cidadão um excelente soldado, vindo, pois, a ser ainda um fator para o desenvolvimento da cultura cívica.
18. Nós os sul-americanos ainda não so-

15

Conceitos apresentados no folheto de Jeronyma Mesquita.

16

Conceitos apresentados no folheto de Jeronyma Mesquita.

17

Conceitos apresentados no folheto de Jeronyma Mesquita.

18

Publicista – Pessoa que escreve sobre a política, a economia social, etc. Escritor, jornalista especializado. O trecho citado é provavelmente do livro “El Porvenir de la America Latina” do escritor e diplomata argentino Manuel Baromero Ugarte. pag 307. *“A pesar de los errores que hemos enumerado, la América latina es*

fremos de perto as necessidades e contingências em que vivem mergulhados outros povos e gosamos da privilegiada situação em que nos achamos, por habitar um continente cuja população escassa e riquezas naturais nos desviam o pensamento da preocupação de defesa e segurança. Mas a America Latina, é no dizer de um publicista argentino “a *mais alta promessa que o futuro oferece ao mundo inteiro*” e dia virá em que na força física e na rigidez moral dos nossos jovens, esteja a guarda suprema das nossas riquezas e instituições.

19. Porque, pois, mesmo sem nos animar nenhum intento guerreiro, não cuidar desde já, da formação dos futuros cidadãos e defensores do país?
20. Poucos elementos de preparo como o scotismo nos poderão oferecer melhores garantias para as gerações que se vão transformar em construtoras de uma nova Pátria e baluarte de sua defesa. Ele é o único capaz de “*reunir as forças morais, o prazer do esporte, a capacidade de ação e o preparo para a guerra.*” É o que vamos demonstrar, estudando a adaptação do

quizá la promesa más alta que ofrece el porvenir al mundo entero. *Un territorio que en un siglo de vida libre ha conseguido alcanzar la fabulosa prosperidad que comprobamos, tiene que reservar á sus habitantes—y á la humanidad toda sobre la cual irradia su producción—las sorpresas más puras y más inverosímiles*”. Talvez esse trecho seja introduzido para explicar o final do artigo.

20

No final, Cardim deixa clara a intenção do grupo que estava organizando o escotismo em São Paulo de adaptar o escotismo de Baden-Powell. Para isso cita o exemplo da França. O escotismo francês, que veio a ser adotado

“scoutismo” às raças latinas, tal qual foi ela introduzida em França. M.C.

O ARTIGO DE ALCANTARA MACHADO

Um outro artigo foi publicado em São Paulo poucos dias depois do escrito por Cardim. O vereador e professor da Faculdade de Direito de São Paulo, José de Alcantara Machado de Oliveira, que também havia estado na Europa com a família, por um bom período em 1912, escreve na revista “Cigarra”, de 1º de agosto de 1914, uma espécie de manifesto em prol do escotismo.

Como os artigos publicados em revistas normalmente são escritos com mais antecedência que os de jornais, é possível que Cardim, que também escrevia para “A Cigarra”, tenha tido acesso ao artigo de Alcantara Machado antes da sua publicação. Os dois participavam do mesmo grupo de pessoas que estavam articulando a fundação do movimento escoteiro em São Paulo, como se verá.

quase na totalidade pela ABE, tinha seus valores e principais conceitos apresentados no folheto de Jeronyma Mesquita.

UMA BELLA INICIATIVA

REPONTOU sem previo concerto em varios espiritos a idea da adaptação do scoutismo no nosso meio e à nossa gente.

A iniciativa merece o applauso irrestricto de quantos se interessam pelo vigor physico e pela perfeição moral das novas gerações.

Todo o mundo conhece por maior a estrutura e o humanismo da instituição admiravel que devenos no genio simultaneamente idealista e pratico dos inglezes.

Impressionado pelas fallhas da educação militar de seus patrióticos, Baden Powell se lembrou de fundar uma associação calcada sobre o exercito, em que moços e meninos pudessem desde logo praticar as virtudes masculas do soldado. Não se limitou, porém, a fazer do scoutismo um curso preparatorio da carreira das armas. Visou mais alto e mais longe. O scoutismo é, acima de tudo, um seminario de homens fortes e conscientes; é o noviciado, por excellencia, da vida civil; é uma escola de disciplina e de energia, de iniciativa e de honra, de integridade e de bondade.

Como conseguil-o? Muito simplesmente; desenvolvendo e aproveitando sentimentos que se encontram em todas as almas juvenis.

Os moços tem o espirito aventureoso, amam o imprevisto e o perigo, se apasionam pelas proezas sportivas. Pois bem; no scoutismo se lhes deparam a mente as oportunidades para tudo isso. Arregimentados em companhias ou pelotões, envergando um uniforme simples e pratico, bandeira ao vento, saem os *boy-scouts* em demanda do campo ou da montanha. No transcurso do passeio não se contentam em correr, em saltar os vallados, em galgar os cimos, em dar largas à alegria anímal do movimento. O *boy-scout* aprende a obedecer e a mandar; a apparellhar uma jangada; a construir um pontilhão; a levantar uma cabana; a descobrir e a acompanhar uma pista; a orientar-se de dia e de noite, na floresta e no descampado; a amar a terra; a preparar o alimento; a cuidar dos enfermos, a acudir aos accidentados; a conhecer, palmo

a palmo, a terra em que vive, para que possa defendel-a, quando vier o momento, e para que possa naturalmente amal-a pelos motivos e pela forma por que deve amal-a.

E muito, mas não é bastante.

O scoutismo repousa, todo elle, sobre a dignidade da palavra humana. E um appello permanente á honra de cada um. O *boy-scout* presta o compromisso de proceder em todas as circumstancias como um homem generoso, leal e consciente de seus deveres; de amar a patria e servir-a fielmente na paz e na guerra; de submeter-se aos mandamentos do codigo do scoutismo. O codigo é uma série de affirmações imperativas e intituladas: «a palavra do *boy-scout* é sagrada; o *boy-scout* sabe obedecer; o *boy-scout* é um homem de iniciativa; o *boy-scout* accede, successa o que succeder, a responsabilidade de seus actos; o *boy-scout* é cortez, generoso e valente, estando sempre disposto a auxiliar os opprimidos; o *boy-scout* estima os animaes; o *boy-scout* pratica todos os dias uma boa acção por mais modesta que seja; o *boy-scout* é sempre jovial e entusiasta; o *boy-scout* tem a constante preocupação de sua dignidade...». Eis ahí, em toda a sua simplicidade e em toda a sua grandeza, o programma ideal da vida perfeita.

Não soffre duvidas o valor educativo da instituição, como instrumento de formação do caracter. Precisamos acclimar-o entre nós, imprimindo-lhe as modificações requeridas pela indole e pelo temperamento do nosso povo. Por toda a parte, nos paizes anglo-saxões, como nos paizes latinos, na França, na Italia, na Alemanha, na Argentina, o scoutismo tem alcançado o estado mais completo.

«Escoteiros» ou «bandeirantes», o nome não importa. Urge creal-os, para que as gerações que despontam sejam dignas da sua terra e de seu tempo. Assim foi o paulista de hontem. Ha de ser assim o brasileiro de amanha.

ALCANTARA MACHADO.

A festa d' "A Cigarra.."

Attensão ao pedido de varias familias que se acham em Santos e que desejam assistir à brilhante conferencia do dr. Carlos Cilia, sobre As elegancias

do tempo de Luis XVI. resolvemos realizar aquella festa, que tanto interesse despertou em nossas redas sociaes, segunda-feira, 3 de Agosto, ás 8 1/2 da noite.

Como os leitores sabem, o local escolhido foi o salão do Club Internacional, gentilmente cedido pela sua digna directoria.



Verifica-se a diferença de enfoque adotada comparando as artes que mostram a frequência das palavras dos artigos de Mario Cardim e Alcântara Machado . Enquanto Alcântara focaliza o “boy-scout” e o “scoutismo” e seus valores, Cardim foca a guerra Anglo-Boer e o militarismo, com pequena discussão sobre a tradução do termo criado por Baden-Powell. Alcântara, explicitamente declara “que o nome não importa”.

Reproduzimos a seguir, com posteriores comentários, o artigo de Alcântara Machado. Os parágrafos foram numerados pelo autor, e a ortografia foi atualizada.

UMA BELLA INICIATIVA

1. Repontou sem prévio concerto em vários espíritos a ideia da adaptação do scoutismo ao nosso meio e à nossa gente.
2. A iniciativa merece o aplauso irrestrito de quantos se interessam pelo vigor físico e pela perfeição moral das novas gerações.
3. Todo o mundo conhece por maior a estrutura e o humanismo da instituição admirável que devemos ao gênio simultaneamente idealista e prático dos ingleses.
4. Impressionado pelas falhas da educação militar de seus patrícios, Baden Powell se lembrou de fundar uma associação calcada sobre o exército, em que moços e meninos pudessem desde logo praticar as virtudes másculas do soldado. Não se limitou, porém, a fazer do scoutismo um curso preparatório da carreira das armas. Visou mais alto e mais longe. O scoutismo é, acima de tudo, um seminário de homens fortes e conscientes: é o noviciado, por excelência da vida civil; é uma escola de disciplina e de energia, de iniciativa e de honra, de intre-

COMENTÁRIOS

1
Duas ideias são apresentadas por Alcantara Machado no primeiro parágrafo: a) da adaptação do escotismo ao nosso meio e a nossa gente; b) de que a ideia foi levantada simultaneamente por várias pessoas em São Paulo. O que contradiz a versão de Cardim de que ele foi o iniciador do escotismo em São Paulo. Deve-se levar em conta a autoridade de Alcantara Machado sobre os demais membros do grupo, já que ele havia sido professor de alguns deles.

3
A ideia deste parágrafo é que o escotismo é geral-

- pidez e de bondade.
5. Como consegui-lo? Muito simplesmente: desenvolvendo e aproveitando sentimentos que se encontram em todas as almas juvenis.
 6. Os moços têm o espírito aventureiro, amam o imprevisto e o perigo, se apaixonam pelas proezas esportivas. Pois bem: no scoutismo se lhes depa-ram a monte as oportunidades para tudo isso. Arregimentados em companhias ou pelotões, envergando um uniforme simples e prático, bandeira ao vento, saem os boy-scouts em demanda do campo ou da montanha. No transcurso do passeio não se contentam em correr, em saltar os valados, em galgar os cimos, em dar largas à alegria animal do movimento. O boy-scout aprende a obedecer e a mandar; a aparelhar uma jangada; a construir um pontilhão; a levantar uma cabana; a descobrir e a acompanhar uma pista; a orientar-se de dia e de noite, na floresta e no descampado; a armar a tenda; a preparar o alimento, a cuidar dos enfermos, a acudir aos acidentes; a conhecer, palmo a palmo, a terra em que vive, para que possa defende-la,

mente conhecido. Aparentemente se refere à elite paulista, que frequentemente viajava para o exterior e lia jornais.

4

Apresenta a ideia francesa de que Baden-Powell estava preocupado com as falhas no treinamento militar dos ingleses. O objetivo inicial do escotismo era formar bons colonizadores, o que justificaria a necessidade de habilidades de pioneiros, apresentadas no sistema de Baden-Powell.

6

Novamente, ao mencionar a organização em companhias e pelotões, demonstra desconhecimento do escotismo in-

quando vier o momento, e para que possa nobremente ama-la pelos motivos e pela forma por que se deve ama-la.

7. É muito, mas não é o bastante.
8. O scoutismo repousa, todo ele, sobre a dignidade da palavra humana. É um apelo permanente à honra de cada um. O boy-scout presta o compromisso de proceder em todas as circunstâncias como um homem generoso, leal e consciente de seus deveres; de amar a pátria e servi-la fielmente na paz e na guerra; de submeter-se aos mandamentos do código do scoutismo.
9. O código é uma série de afirmações imperativas e intituladas: a palavra do *boy-scout* é sagrada; o *boy scout* sabe obedecer; o *boy scout* é um homem de iniciativa; o *boy scout* aceita, suceda o que suceder a responsabilidade de seus atos; o *boy scout* é cortez, generoso e valente, estando sempre disposto a auxiliar os oprimidos; o *boy scout* estima os animais; o *boy scout* pratica todos os dias uma boa ação por mais modesta que seja; o *boy scout* é sempre jovial e entusiasta; o

glês, apresentando em seu lugar a proposta dos “Les Éclaireurs de France”.

8
Conceitos franceses apresentados no folheto de Jeronyma Mesquita.

9
Conceitos do folheto de Jeronyma Mesquita.

boy scout tem a constante preocupação de sua dignidade... Eis aí, em toda a sua simplicidade e em toda a sua grandeza o programa ideal da vida perfeita.

10. Não sofre dúvidas o valor educativo da instituição, como instrumento de formação do caráter. Precisamos aclimatá-la entre nós, imprimindo-lhe as modificações requeridas pela índole e pelo temperamento do nosso povo. Por toda a parte, nos países anglo-saxões, como nos países latinos, na França, na Itália, na Alemanha, na Argentina, o scoutismo tem alcançado o êxito mais completo.
11. Escoteiros ou bandeirantes, o nome não importa. Urge criá-los, para que as gerações que despontam sejam dignas da sua terra e de seu tempo. Assim foi o paulista de ontem. Há de ser assim o brasileiro de amanhã.

ALCÂNTARA MACHADO

10

Aparece a ideia de “aclimatá-la entre nós, imprimindo-lhe as modificações requeridas pela índole e pelo temperamento do nosso povo”. A mesma ideia apresentada pelo Capitão Royet no seu “Le Livre de L’Éclairer”, onde defende que o temperamento do francês é diferente do inglês.

11

No parágrafo final Alcantara Machado defende que é urgente criar o escotismo, independentemente do nome. Apresenta os nomes de “escoteiros” ou bandeirantes.

Na mesma revista “A Cigarra”, de primeiro de agosto, portanto antes da realização da reunião de fundação da Associação Brasileira de Escoteiros – ABE, aparece uma outra matéria elucidativa sobre o início do escotismo em São Paulo. Essa matéria não tem autor mencionado. Possivelmente é um editorial de Gelásio Pimenta, redator e proprietário da revista e também um dos membros da comissão de organização.

Os escoteiros no Brasil

A sua organização em S. Paulo

O Código a que devem obedecer

-
1. Por iniciativa dos srs. Dr. Alcantara Machado, Dr. Ascanio Cerqueira, Dr. Mario Cardim, Amadeu Amaral e Gelásio Pimenta, acaba de fundar-se, nesta capital, a Associação dos Escoteiros, instituição destinada a prestar importantes serviços a sociedade.
 2. Essa instituição foi criada pelo general Baden-Powell, na Inglaterra, alcançando, no curto espaço de quatro anos, um enorme sucesso, pois conse-

COMENTARIOS

1
Cita a comissão organizadora para a fundação da ABE, mas coloca a fundação como já efetuada. Como a revista foi publicada em 1º de agosto de 1914, a ABE já teria sido fundada anteriormente. A impressão que fica é que a decisão já havia sido tomada, bastava efetivá-la, com um maior apoio. No mesmo dia era publicado no jornal “O Estado de São Paulo” uma nota indicando que seria realizada uma reunião no dia 15 de agosto e que convites haviam sido expedidos.

- guiu reunir sob a mesma bandeira cerca de 500.000 rapazes de 11 a 18 anos de idade.
3. Nos Estados Unidos, o número de “boy-scouts” é superior a 250.00.
 4. Em França, a primeira patrulha foi criada em outubro de 1910, pelo sr. Gallienne.
 5. Durante a última guerra balcânica, os escoteiros prestarem relevantes serviços aos exércitos beligerantes.
 6. O verdadeiro boy-scout, ligado à Associação por um juramento feito sob a palavra de honra, não é político nem militar, concorrendo, com tudo, para a formação do bom soldado.
 7. Todo “escoteiro” aprende a conhecer praticamente as plantas e os animais; a correr e a nadar, a improvisar uma cabana ou uma jangada; a achar e seguir uma pista; a orientar-se a noite ou durante o dia; a bivacar, a cuidar dos enfermos etc.
 8. Além disso, o “escoteiro” deve praticar diariamente e sempre que se ofereça ocasião ações como estas; auxiliar as pessoas idosas a atravessar a rua; a ser polido para com as senhoras, carinhoso para com as crianças e

2

Os demais parágrafos reproduzem as ideias apresentadas no folheto de Jeronyma Mesquita, apresentando inclusive o Código e o Juramento dos “éclaireurs” franceses, traduzidos para o português. No código não é traduzida a palavra boy-scout, tal como no folheto de Jeronyma Mesquita. Tanto o Código como o Juramento foram adotados pela ABE.

caridoso para com os enfermos e aleijados.

9. O código do “escouteiro” resume-se nos doze capítulos seguintes:
 - 1º. A palavra de um “boy-scout” é sagrada. Ele coloca a honra acima de tudo, mesmo da própria vida.
 - 2º. O “boy-scout” sabe obedecer. Compreende que a disciplina é uma necessidade de interesse geral.
 - 3º. O “boy-scout” é um homem de iniciativa.
 - 4º. O “boy-scout” aceita em todas as circunstâncias, a responsabilidade dos seus atos.
 - 5º. O “boy-scout” é leal e cortez para com todos.
 - 6º. O “boy-scout” considera todos os outros “boy-scouts” como seus irmãos, sem distinção de classe social.
 - 7º. O “boy-scout” é generoso e valente, sempre pronto a auxiliar os fracos, mesmo em perigo de sua vida.
 - 8º. O “boy-scout” pratica cada dia uma boa ação, por mais modesta que ela seja.
 - 9º. O “boy-scout” estima os animais e se opõe a toda a crueldade contra eles.
 - 10º. O “boy-scout” é sempre jovial, entusiasta e procura o bom lado de todas as coisas.
 - 11º. O “boy-scout” é econômico e respeitador do bem alheio.
 - 12º. O “boy-scout” tem a constante preocupação da sua dignidade e do respeito de si mesmo.

Ao entrar para a Associação, o escouteiro presta o seguinte juramento:

“Prometo pela minha honra:

Proceder em todas as circunstâncias como um homem consciente dos seus deveres, leal e generoso.

Amar a minha pátria e servi-la fielmente na paz e na guerra.”

Sobre a reunião de 15 de agosto trataremos em outro Bole-
tim.

OS BOYS-SCOUTS EM S. PAULO
Uma comissão composta dos srs. Alcantara Machado, Ascanio de Cerqueira, Mario Cardim, Amadeu Amaral e Gelasio Pimenta, fará realizar no dia 15 do corrente, ás 16 horas e meia, á rua de S. Bento n. 63, uma reunião, para tratar da fundação, em S. Paulo, dos "boys-scouts".
A comissão distribuiu varios convites em que pede o comparecimento de todos aquelles que se consagram á causa da cultura physica e da perfeita moral da mocidade.

Os Boletins já publicados encontram-se na página:

<https://pr.escoteiros.org.br/downloads> - Na aba “Nossa História” - Boletins Históricos

Se você se interessa pela história do escotismo e tem algo a colaborar com o esforço de recuperação da memória do escotismo paranaense, ou conhece alguém que se interessa, escreva para o e-mail

historia@escoteirospr.org.br.

Pesquisa e Produção: João Alberto Bordignon e Ernani Costa Straube

Revisão: Fernando Gerlach

Escoteiros do Brasil - Região do Paraná

Rua Ermelino de Leão, 492 - São Francisco

CEP 80410-230 - Curitiba - PR

(41) 3323-1031